

# Solidariedade, marca de uma vida

por Maria Helena Tachinardi  
de São Paulo

A solidariedade foi um traço marcante da personalidade do presidente Tancredo Neves. Ela resume a atuação desse político mineiro, 75 anos, nascido em São João del Rei, em momentos graves da história brasileira. Solidário, Tancredo levou o deposto presidente João Goulart ao aeroporto, a caminho do exílio. No episódio da cassação do ex-presidente Juscelino Kubitschek, o gesto solidário repetiu-se também ao acompanhar seu amigo rumo ao desterro.

A solidariedade é, assim, a expressão do que havia de mais puro no humanismo de Tancredo, o 29º presidente da República Federativa do Brasil.

Ele estreou na política em 1934, quando foi eleito vereador, com 197 votos, na pequena São João del Rei. Em cinquenta anos de vida política, esse mineiro que não fumava, apreciava um bom vinho, tomava banhos frios e era dado às caminhadas sempre agiu com temperamento conciliador e soube deixar uma porta aberta para o adversário.

Como homem público, destacou-se por duas características: era apegado ao texto da Constituição e era respeitoso dos interesses da política municipal. Em sua opinião, são as rivalidades locais que movimentam as engrenagens políticas do País, mais do que as ideologias.

Tancredo exibiu um longo currículo na vida política brasileira. Esteve presente em praticamente todos os recentes eventos históricos de relevo: desde a Revolução de 30, continuando pelo Estado Novo de 37; a redemocratização de 45; o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek; a crise aberta com a renúncia do presidente Jânio Quadros; a mudança para o parlamentarismo, regime este que o levou à posição de primeiro-ministro de Jango Goulart.

Em 1960, conheceu também a derrota nas urnas, perdendo a eleição a governador de Minas Gerais, pela aliança governista PSD-PTB, diante do udenista Magalhães Pinto. Depois da Revolução de 64, rejeitou a oferta do presidente Castello Branco para integrar os quadros da Arena, o partido governista, e preferiu trabalhar na formação do partido da oposição, o MDB, em Minas Gerais. Mais tarde, ao alvorecer da nova redemocratização, empenhou-se na criação do Partido Popular, o PP, em 1979. Participou, no Congresso, da transição demo-



crática, lenta e gradual, desenhada pelo presidente Ernesto Geisel. Finalmente, retomou sua arremetida para o poder, na disputa pelo governo de Minas Gerais, em 1982, quando venceu seu oponente, o ex-ministro Eliseu Resende, do PDS, por margem de 240 mil votos. A partir do Palácio da Liberdade, participou da campanha pelas eleições diretas, afinal frustrada. E se tornou o elemento-chave, o chefe e o candidato da Aliança Democrática, a qual acabou elegendo-o, indiretamente, para a Presidência da República, com o triunfo sobre o candidato governista, Paulo Maluf, no Colégio Eleitoral.

Tancredo Neves ocupou todos os cargos da carreira política, sempre através de eleições diretas: vereador, deputado estadual constituinte, deputado federal por cinco legislaturas, senador da República, governador de Minas, até ser presidente eleito do Brasil pelo Colégio Eleitoral a 15 de janeiro de 1985.

## APOIO

Há uma frase, dita por ele, em 1936, como vereador — “jamais pleiteei posições e cargos, os quais, a despeito de minha relutância em os aceitar, me têm sido impostos por injunções irrecusáveis de amigos que muito prezo” — que sempre poderá ser evocada. Isso porque Tancredo sempre reuniu muitos apoios e indicações. Foi assim que ele deixou o governo de Minas para disputar a Presidência. E também desta forma, ele não pôde recusar o convite de Getúlio Vargas para ser o seu ministro da Justiça, em 1953. O governador JK queria o Ministério da Justiça para Minas e o deputado Tancredo Neves acabou sendo o seu titular. O Ministério foi uma escola de crises, sob o

fogo cerrado da oposição udenista (Tancredo era do PSD, o mesmo partido de JK), com Carlos Lacerda à frente.

## RESPEITO A CONSTITUIÇÃO

Outro traço marcante da conduta política do presidente foi seu respeito à Constituição. No Catete, enquanto alguns defendiam a renúncia de Vargas, após o episódio da República do Galeão, com o assassinio do major Rubens Vaz, Tancredo foi um dos únicos ministros a pregar a resistência ao golpe que se tramava. Seu apego à legalidade e às posições de centro, moderadas, além de seu tom conciliador, levou-o a ser escolhido para primeiro-ministro de Jango. O parlamentarismo proposto por Tancredo, que sempre se destacou por brilhante oratória como advogado, foi capaz de controlar tanto a resistência radical do então governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, quanto a dura oposição da UDN. Tancredo tinha bom trânsito junto ao vice-presidente João Goulart e junto aos chefes militares. O nome de Tancredo fora apresentado a Jango por Juscelino. Ele o fez num apartamento do Hotel Nacional, em Brasília, assim que Goulart retornou à capital com a emenda do parlamentarismo já aprovada pelas duas casas legislativas. Jango aceitou bem o nome de Tancredo, e o companheiro de Ministério no governo Vargas.

Mas o parlamentarismo nasceu praticamente morto e durou apenas um ano e quatro meses. Jango queria recuperar os totais poderes de presidente. Juscelino, em campanha para retornar o poder em 1965, também não queria herdar a fórmula parlamentarista em seu projetado segundo governo. A saída de Tan-

credo e de seu Gabinete, que reunia várias tendências políticas (UDN, PSP, PTB e PDC), foi a renúncia. Um plebiscito, em janeiro de 1963, restituía do Brasil o sistema presidencialista.

Tancredo foi um conciliador, não um conspirador. Enquanto seu estado, Minas, e até mesmo seu partido, o PSD, conspiravam para depor Goulart, Tancredo defendia que a Constituição fosse cumprida e o mandato do presidente levado ao fim, com as forças políticas procurando uma solução institucional para o impasse.

Veio a Revolução de 1964, o exílio de Jango, a cassação de Juscelino e o ingresso de Tancredo no MDB. Foi por esse partido, de oposição à Arena, que ele obteve seu terceiro mandato na Câmara Federal, em 1966, repetindo o feito em 1970 e 1974. Período difícil da vida política que significou o ostracismo para Tancredo, período em que ele e seu amigo Thales Ramalho, um dos co-fundadores do MDB, ao lado de Ulysses Guimarães, tiveram de enfrentar a tentação esquerdista que tomava conta da oposição e propostas de autodissolução do partido.

E com o partido dividido entre moderados e autênticos que Tancredo se elegeu líder da bancada do MDB, em 1978. Essa vitória fortaleceu-o na indicação para a disputa de uma vaga no Senado, em 1978. Então, do alto de sua cadeira de senador, ele exerceu um papel fundamental: o de interlocutor junto ao governo no projeto de distensão “lenta, gradual e segura”.

## FORMAÇÃO DO PP

Depois da anistia, em 1979, o peso da esquerda cresceu no MDB, o que dificultou a sua vida no seio do partido. Tancredo queria um partido de tendência moderada e incentivou, no bojo da reforma partidária, a formação de uma agremiação de centro, calçada na ala moderada do MDB. Na tarde de 26 de novembro de 1979, na tribuna do Senado, Tancredo anunciava a criação do Partido Popular (PP).

Sob a presidência de Tancredo, com Thales Ramalho na secretaria e Magalhães Pinto na presidência de honra, o PP reuniu cativeiro político respeitável, mas, com a proibição das coligações partidárias pelo governo federal em 1981, foi obrigado a procurar a incorporação ao PMDB.

Tancredo, como bom mineiro, prudente e sábio, voltou-se para as portas que deixara abertas no

PMDB. Seus companheiros, como Magalhães Pinto, Herbert Levy e Thales Ramalho, ingressaram no PDS, mas continuaram seus amigos nessa emergência que ele teve de enfrentar.

Em 1982 disputou a mais dura das eleições de sua carreira, mas obteve um saldo espetacular. Bateu Eliseu Resende, do PDS, por 240 mil votos e chegou ao Palácio da Liberdade como governador. Em seu mandato não hesitou em enviar a polícia para reprimir piquetes e greves ilegais. Intermediou conflitos trabalhistas, inclusive a explosiva greve dos petroleiros, e impediu manifestações públicas fora dos recintos permitidos pela Secretaria de Segurança Pública.

## PRESTÍGIO

A forma serena como conduziu os problemas sociais em seu estado só fez aumentar o seu prestígio no cenário político do País. Esse prestígio foi consolidado na campanha pelas eleições diretas. Fiel ao PMDB, participou da campanha e organizou em Belo Horizonte um comício de 300 mil pessoas pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

Os contatos políticos que fez durante a campanha acabaram por consolidar a viabilidade de sua candidatura à Presidência da República, como expressão suprapartidária.

Apoiou a candidatura Auréliano Chaves até o fim, até se esgotar a sua viabilidade, e só então aceitou ser ele próprio o candidato que iria disputar com o deputado Paulo Maluf os votos do Colégio Eleitoral.

No dia 15 de janeiro seu nome saía vitorioso de Brasília, para todo o País, fruto do consenso do qual ele foi um hábil articulador.

A recente campanha pela sucessão presidencial afastou Tancredo de seus prazeres — assistir a peças de teatro, filmes históricos, música clássica e leitura. Mesmo assim, ele nunca deixou de ir à missa aos domingos pela manhã e nunca rejeitou um almoço com frango ao molho pardo.

Tancredo se considerava um humanista, preocupado com os valores do espírito. Gostava muito de ler. Seus compositores brasileiros favoritos eram Milton Nascimento e Chico Buarque e entre os clássicos, Bach, Beethoven, Liszt e Chopin. “São músicas com as quais eu liberto o meu espírito das preocupações cotidianas”, dizia.

Ao lado de dona Risoleta, vivia um cotidiano mineiro tradicional — ele na política e a esposa nas lides da casa.